

Notas e informações

A undécima hora

"Ainda há tempo para um chamamento à razão. Porque nós estamos caminhando por um caminho sem volta." Tais palavras pressagas não foram proferidas por um adversário qualquer da paz civil e inimigo jurado das instituições; nem ditas por quem deseje aparecer como a Cassandra da Novíssima República. Em meados de fevereiro, voltam os augúrios que falavam dos idos de março, término do processo de transição. Só que desta vez o prognóstico não foi feito pelo senador José Richa, mas é o próprio presidente da República quem diz à Nação que estamos a caminho da crise final. A crise, cuja existência tínhamos e sempre denunciávamos, instalou-se nos centros de decisão da política nacional. O chefe de Estado denuncia a conspiração em marcha e se recusa a dar os nomes dos responsáveis. Por mais que se relute, não há como não reconhecer que os homens se deixaram dominar pelas paixões.

Não exageramos — aliás, não nos agrada ser tomados por Cassandra, especialmente quando os acontecimentos atropelam as instituições a ponto de levar o sr. Antonio Ermírio de Moraes a temer o golpe de Estado. Não carregamos nas tintas, pela simples e boa razão de que o presidente José Sarney foi longe demais. Ele não afirmou apenas que a Nação está na undécima hora e que se faz mister o esforço conjugado de todos para impedir que o fogo tome conta do País. Antes do dramático chamamento à razão, o chefe de governo falara do ambiente de séria conturbação, do caldo de cultura em que medram os agitadores, os usurpadores (?), aqueles que querem a ruptura das instituições e o fracasso de todas as soluções. S. exa. os conhece a todos, mas não julga necessário nomeá-los: "Os responsáveis? Neste instante não adianta procurar responsáveis. O que adianta é dizer que o povo brasileiro não merece ver suas aspirações truncadas pela conduta de poucos". Traduzindo as palavras do presidente da República, para linguagem mais ter-a-terra, chega-se a esta conclusão inescapável: o sr. José Sarney, recusando-se a apontar os que conspiram contra as instituições, apresenta-se como o salvador do povo sofrido. É o próprio Napoleão, o sobrinho, colocado diante de uma Assembleia Nacional que lhe aponta o fim do mandato; apoiado na Sociedade 10 de dezembro, tentará o golpe de Estado para resguardar o que lhe resta do poder que diz nunca ter conhecido!!!

O sr. Ulysses Guimarães, gozando os aplausos daqueles que o preferem candidato ao sr. Fernando Henrique Cardoso — que já pediu o *impeachment* do presidente da República —, deveria atentar para o encadeamento lógico dos pronunciamentos do sr. José Sarney nas últimas "Conversas ao Pé do Rádio" antes de fazer provocações. Há uma semana, o chefe do governo investiu contra a Assembleia Nacional Constituinte a pretexto de impedir que ela estabeleça, segundo sua versão, um regime em que assassinos, assaltantes e estupradores imporão sua vontade aos delegados, policiais e soldados. Infelizmente, para a Nação, as camadas superiores da sociedade não atentaram para a enorme repercussão alcançada pela intriga soez contra a Constituinte. O presidente, pelos seus serviços de informação, soube que os humildes, os que anseiam por segurança, já começaram a julgar a Assembleia Nacional Constituinte pelo diapasão da "conversa" de 12 de fevereiro. Conquistada essa fortaleza, ele dá prosseguimento a sua ofensiva contra as instituições e se volta contra os partidos políticos. Enquanto isso, o sr. Ulysses Guimarães se ri, satisfeito com a notoriedade que alcançou ao agredir sem qualquer oportunidade os ministros que integraram a Junta Militar, durante a qual se destacou a figura do chefe do Estado-Maior do Exército naquela ocasião, o general Orlando Geisel, depois condestável do período Médici...

O presidente da República, passando por cima do triunfo de uma tarde do proconsul, arremete contra os partidos: a divisão deles, "as facções, a falta de programas, a insegurança de posições, as ambições incontroladas, tudo faz disso um ambiente de séria conturbação". Porque os partidos são *nada* — para dizer polidamente as coisas —, o País está conturbado. Porque os partidos inexistem, os agitadores, os que querem a ruptura das instituições e o fracasso das soluções, podem agir. Porque os partidos não cumprem sua missão, os ambiciosos manipulam o povo, exploram-no e fazem dele massa de manobras. Seria preciso dizer mais para pintar quadro em que se saudará com um vibrante *Sig Heil!* o fim dos partidos?

O presidente da República não se limita a dizer aos humildes, que o ouvem às 6 horas da manhã, que os partidos apenas fazem deles instrumentos das ambições de seus dirigentes. Aponta os que exploram o povo — insinua, com a sutileza de quem conhece o ofício de Yago, que eles são os

ricos. É importante assinalar que o ataque à Assembleia Nacional Constituinte, a destruição dos partidos e a denúncia dos mais afortunados são passos que se inserem no âmbito da defesa contra as denúncias de corrupção no governo. Nessa linha de conduta, o sr. José Sarney mistura alhos com bugalhos, o que faz maior a repercussão antiparlamentar e antidemocrática de suas falas. Para defender-se das acusações de corrupção na Seplan, denuncia o "hedonismo" (quem, às 6 horas da manhã, terá atinado com o sentido dessa palavra?) da permissividade do carnaval com as campanhas para a conquista do poder; os políticos frustrados com os "usufrutuários de uma sociedade explorada e empobrecida... os exploradores do povo..."

Não é preciso mais para situar o centro da crise: o presidente da República, que estranhamente se alia nesta hora grave ao proconsul Guimarães, que sempre pretendeu dirigir o sr. José Sarney. Um e outro, cada qual no seu estilo, misturam os ingredientes de uma receita infalível para destruir a democracia: o presidente da República instiga os humildes contra a Assembleia Nacional Constituinte, os partidos políticos e os "hedonistas", os que vivem à custa de uma sociedade explorada. O presidente da Assembleia Nacional Constituinte espicaça os remanescentes dos "bolsões sinceros, mas radicais" que existem nas Forças Armadas. Um e outro não tinham *necessidade* — e grifamos a palavra — de assim proceder. Apesar disso, lançaram algumas flechas incendiárias contra a frágil paliçada das instituições democráticas.

O presidente José Sarney anunciou ao povo que estamos na undécima hora, e que trilhamos caminho sem volta. Fez, por isso, apelo à razão. Que é, no entanto, a razão para s. exa.? Provocar o instinto de sobrevivência dos humildes contra a Assembleia Nacional Constituinte? Denegrir os partidos políticos? Exacerbar o sentimento popular contra os ricos?

No instante em que o apelo à razão se transforma na plataforma da ação irracional contra as instituições democráticas, é lícito dizer que estamos, de fato, vivendo a undécima hora. Do que, não se sabe, ou melhor, o presidente sabe do que se trata, pois descreve o futuro que ajuda a construir, tomado pelos demônios da solidão e por aqueles outros, mais sombrios — se é possível haver gradação entre eles — da ambição de Macbeth: "Estão querendo tocar fogo no nosso Brasil".